A Bíblia em Portugal

Autor(es): Ramos, José Augusto

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44041>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0871-9527_26_9

Accessed : 26-Apr-2023 13:54:29

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26

CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2017

A BÍBLIA EM PORTUGAL

THE BIBLE IN PORTUGAL

José Augusto Ramos

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

joseramos@letras.ulisboa.pt | <https://orcid.org/0000-0002-3247-2163>

HERCULANO ALVES (2017), *A Bíblia em Portugal*. Vol. I, *As línguas da Bíblia. 23 séculos de tradução*. Lisboa, Esfera do Caos, 2016, 358 pp. ISBN 978-989-680-200-4 (19.90€)

IDEM (2017), *A Bíblia em Portugal*. Vol. II: *A Bíblia na Idade Média*. Lisboa, Esfera do Caos, 2017, 838 pp. ISBN 978-989-680-214-1 (19.90€).

Estes dois volumes representam os primeiros de uma obra de grande amplitude a que Herculano Alves deu o título genérico de *A Bíblia em Portugal*. Na verdade, este é propriamente o nome da coleção na sua totalidade. Na página 30 do 2º volume, é este o título definido para toda a “colectânea”. Entretanto, este título aparece nos dois volumes como título formal, seguido de um subtítulo específico para cada caso. Em outras apresentações do programa e destes mesmos volumes, o que aparece realmente como título é o correspondente ao subtítulo de cada volume. São naturalmente duas lógicas a funcionar com alguma interação dialéctica, que é, no entanto, pertinente e significativa. O que é realmente importante é o objetivo de assentar uma história geral da recepção da Bíblia na sua relação com a cultura portuguesa.

Além dos temas definidos para estes dois primeiros volumes, o conjunto do projecto integra ainda os volumes seguintes: volume III. A Bíblia nos séculos XVI-XVII; volume IV. A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida (1629-1690); volume IV/1. Catálogo das obras bíblicas de João Ferreira Annes d'Almeida; volume V. A Bíblia nos séculos XVIII-XIX; volume VI. A Bíblia nos séculos XX-XXI.

O intento é percorrer toda a história da recepção da Bíblia, desde as suas origens até aos dias de hoje, tomando como fio condutor os percursos de recepção que, de uma maneira ou de outra, dizem respeito a Portugal.

Os dois volumes que até agora estão publicados cobrem, cada um deles, um âmbito muito específico. No primeiro volume é feito um apanhado geral sobre o que se pode conhecer sobre a fase mais antiga de recepção da Bíblia em várias línguas antigas. Estas traduções antigas da Bíblia acabaram por ficar como uma referência histórica maior para a própria evolução do processo de recepção continuada, que é representado pela história das traduções posteriores. Foi com este objectivo em mira que Herculano Alves empreendeu sintetizar uma história das traduções bíblicas ao longo de vinte e três séculos. Está implícito no seu modo de jogar com o subtítulo que todas as línguas que, por via de tradução, acabaram por veicular textos bíblicos ao longo destes vinte e três séculos são consideradas línguas bíblicas. Serão múltiplos os sentidos em que isso se pode predicar.

O primeiro volume procurou, de algum modo, concentrar-se sobre o tema das traduções da Bíblia como o vector essencial do processo de recepção da mesma. Nada obstará o facto de neste primeiro volume se estudarem traduções que vão do séc. II a.C. até ao séc. XXI, isto é os tais vinte e três séculos. Com efeito, foi do estudo da primeira tradução completa da Bíblia para português levada a cabo principalmente por João Ferreira Annes de Almeida, no século XVII, que Herculano Alves iniciou o caminho que o conduziu a fazer uma história completa de recepção da Bíblia com este enfoque principal apontado ao caso português. O facto de serem vistas como traduções-padrão deve-se ao teor de autoridade de que se revestiram ou para que foram oficialmente destinadas.

A questão da recepção não exclui igualmente as vicissitudes históricas relativas ao próprio texto em hebraico. Por isso, o primeiro capítulo (I, 30-71) trata do próprio texto original hebraico e das suas evoluções que podem ter sido de cópia,

vocalização massorética ou transmissão. Também estes são matizes de recepção, evidentemente. Sendo que as questões importantes da recepção têm muito a ver com os factos da tradução, o capítulo 2 deste primeiro volume compreende um apanhado genérico sobre os targums em aramaico (I, 73-105), mesmo que estes não tenham sido objecto especial de padronização. Estes representaram uma transposição linguística situada no interior da mesma comunidade sociológica. É, por conseguinte, bastante sensível o seu significado como objecto hermenêutico.

Entretanto, o salto hermenêutico mais significativo de toda a história das traduções da Bíblia terá sido aquele que coincide com a sua tradução de hebraico para grego, que costuma ser conhecida pelo nome de tradução dos Setenta. As transformações naturais da passagem de uma língua semítica para o grego e o facto de isso ter acontecido ainda em tempo de produção de textos bíblicos em hebraico, e mesmo antes de o cânone hebraico se encontrar definido e fechado, são factores que dão a esta tradução o significado e a função de matriz para muitas outras. Na verdade, ela manteve-se ao longo da história como uma espécie de tradução padrão e como tal foi objecto de consulta continuada (I, 197-145). O capítulo 4 (I, 147-217) dá-nos as linhas de influência que o texto original hebraico e o texto grego dos Setenta partilham entre si relativamente a múltiplas outras traduções. Estas influências concretizam-se em traduções para línguas de comunidades cristãs situadas nas margens orientais do Império Romano. Um dos pontos importantes da tradução dos Setenta terá mesmo sido o de ter servido como Bíblia do judaísmo helenista na primeira fase do helenismo judaico e dos primeiros séculos do cristianismo, tendo sido utilizada sistematicamente na construção do Novo Testamento como fonte preferida de citações derivadas do Antigo Testamento. Dela são tratadas as questões antigas, bem como o recente recrudescer de interesse por parte dos estudiosos do mundo bíblico e helenístico, tanto no sentido dos pressupostos históricos do texto bíblico como no sentido da sua semântica e das hermenêuticas de que foi objecto.

A dialéctica histórica entre a consistência da tradução grega e o recurso continuado ao padrão original hebraico manteve-se, em modalidades diferenciadas, até aos dias de hoje, também quanto ao teor do texto latino da Bíblia que serviu de padrão no cristianismo ocidental até à Reforma e no catolicismo até aos dias de

hoje. Estão aqui as histórias sucessivas e articuladas da *Vetus Latina*, na antiguidade, da *Vulgata*, na Idade Média, Moderna e Contemporânea, e da *Neo-Vulgata*, na actualidade (I, 219-312), história longa e variada e muito menos monótona do que aquilo que, por causa do seu carácter oficial, poderia imaginar-se.

Os suplementos apresentados a terminar este primeiro volume representam algumas ideias menos elaboradas; pequenos textos de alcance antológico e listagens sem especial análise ou comentário dão a este bloco de suplementos um carácter menos consistente e algo mais frustes do que aquilo que acontece com o bloco de suplementos apresentados no segundo volume.

Por seu lado, o segundo volume trata, numa primeira parte, da Bíblia no âmbito português e europeu durante a Idade Média. Os temas focados foram as personalidades de referência bíblica no espaço lusitano e peninsular da Alta Idade Média (II, 35-79) e alguns temas maiores que definem e estruturam o contexto da Bíblia na Idade Média, em geral, nomeadamente o renascimento cultural, ordens religiosas antigas e novas, modos de leitura e interpretação e traduções para as várias línguas europeias, sublinhando também os mestres mais destacados na arte de interpretar a Bíblia (II, 81-231). Pela sua dimensão pedagógica, é meritório um pequeno vocabulário bíblico medieval apresentado à entrada desta secção (81-84), semelhante ao vocabulário bíblico apresentado no primeiro volume para o domínio das traduções antigas (I, 34-37).

A segunda e mais longa parte deste livro (II, 233-705) intitula-se “figuras e âmbitos da cultura bíblica medieval”. A matéria bíblica medieval é aqui apresentada sob a forma de sínteses complementares entre si, onde se trata a presença da Bíblia em actividades culturais e religiosas durante a Idade Média. Foram definidos e tratados doze temas, os quais, continuando a numeração dos dois capítulos da primeira parte, perfazem um total de catorze capítulos para o conjunto de toda a obra. Os temas desta segunda parte são: a Bíblia na pregação, a Bíblia na literatura, a Bíblia na Liturgia, as línguas da Bíblia medieval, bíblias hebraicas e hebraísmo na Península, comentários medievais ao Pai Nosso, a Bíblia e os livros apócrifos, a Bíblia no teatro religioso medieval, a Bíblia na hagiografia medieval, a Bíblia na mística medieval, a Bíblia nos catecismos medievais e, finalmente, principais obras bíblicas medievais em português. Como seria de esperar, alguns destes temas são

mais rápidos, como o dedicado à literatura apócrifa, e outros bastante mais longos, como o da Bíblia na literatura.

As matérias bíblicas aqui referidas estão tratadas sob o ponto de vista enciclopédico e bibliográfico, privilegiando as listagens completas de materiais, sua descrição, localização em arquivos ou bibliotecas e respectivos acompanhamentos bibliográficos. Esta metodologia é levada a aplicações onde as dimensões e a pertinência bíblica se limitam a aspectos bastante implícitos ou que ficariam simplesmente implícitos. É o que acontece com as longas listas sobre informações de simples localização e de estado material actual de mosteiros cistercienses como “instituições que influenciaram o estudo da Bíblia” (II, 224-229). Não deixa de ser interessante, como exposição de um panorama cultural, percorrer a lista de mosteiros e fazer a descrição material do seu património. A importância bíblica de cada um deles nem se vê de imediato nem se pode, provavelmente, vir algum dia a saber. O suplemento nº 26 (II, 810-814) oferece listas de bibliografias para alguns mosteiros da longa lista referida, mas explicita apenas três.

Seguindo este espírito de recolha de amplo horizonte, Herculano Alves acrescenta ainda uma longa secção de 26 suplementos (II, 707-821), constituindo alguns deles autênticas bases de dados, outros, listas bibliográficas específicas e vários outros, antologias de textos que representam alguma documentação antiga ou mesmo comentários recentes.

Depois de uma minuciosa bibliografia geral (II, 815-821), a obra encerra com muito útil índice temático e onomástico e oito páginas de ilustração documental em extra-texto, mostrando espécimes bíblicos medievais.

Esta obra de grande mérito impõe-se sobretudo como uma imensa base de dados que servirá de *vademecum* para todos os que quiserem percorrer grandes rotas ou perscrutar esconsos meandros na história medieval da Bíblia em Portugal. O seu tratamento da Bíblia na Idade Média parece ter mesmo extravasado do modelo principal de construção da colecção. Com efeito, esta nasce da apresentação da tradução de João Ferreira Annes d’Almeida e nos restantes volumes programados parece ser a tradução que define o objecto formal dos livros. Também no primeiro volume o Autor se concentrou directamente nas traduções e não fez um estudo do contexto e dos vectores que levaram ao aparecimento da Bíblia no seu mundo

palestinense antigo. Com a perspectiva dada ao segundo volume, o leitor poderia esperar que o primeiro oferecesse igualmente o contexto histórico onde o texto da Bíblia foi tomando forma. Isso seria uma introdução à Bíblia e o projecto não foi por aí. Provavelmente, a falta de traduções portuguesas da Bíblia no Portugal medieval orientou a síntese mais para uma onda generalizada de difusão da Bíblia, através dos espaços e instrumentos culturais de que a nossa Idade Média se alimentava cultural e espiritualmente.

A dado momento da apresentação, o A. caracterizava este trabalho como uma “reflexão de conjunto” (I, 22). Na verdade, o conjunto está mais claramente representado pelo imenso acumular de dados utilizáveis, mais do que propriamente pelas reflexões feitas a propósito de múltiplas situações capazes de sugerir interrogações, significados e sentidos. A dimensão de análise ou de reflexão ensaística não é a perspectiva que move a escrita nestes primeiros volumes. Nota-se frequentemente, como na bibliografia final do primeiro volume, que a vontade de oferecer bibliografias excede bastante o espaço de comentário voltado para os temas que as bibliografias representam. É, no entanto, inegável que, com esta abundância de dados e esta amplidão de temas, que foi posta à disposição do leitor, este vai conhecendo múltiplas oportunidades de proceder por si mesmo a numerosas reflexões. Foi certamente esta a intenção que levou Herculano Alves a prestar aos estudiosos um serviço de recolha com esta envergadura. E de todas estas oportunidades de reflexão o A. deve evidentemente ser considerado um agente meritório. Todos os que se servirem deste imenso instrumento de estudo ir-se-ão certamente sentindo agradecidos.